

Banda Sinfónica Portuguesa

16 mai 2024
21:00 Sala Suggia

Francisco Ferreira direção musical
Nuno Pinto clarinete
Coro da Escola de Música Óscar da Silva
Coro do Curso de Música Silva Monteiro
Coro do Conservatório de Música da Maia

Nelson Jesus

Porto de Saudades — Rapsódia Portuguesa n.º 1

(2015; c. 15min)

1. Fado Menor do Porto —
2. Moda do Entrudo —
3. Valsa Antiga —
4. Cava Vinha Malhão —
5. Palácio de Cristal —
6. Clérigos —
7. Vinho do Porto —
8. Fado Menor (reprise) —
9. Finale

Telmo Marques

Contradança, concerto para clarinete e banda sinfónica

(2014; c. 13min)

Jorge Salgueiro

What's Up? What's Down?, para coro de jovens, banda e eletrónica fixa (2017; c. 10min)

David Maslanka

Sinfonia n.º 8 (2008; c. 12min)

3. Moderado — Muito rápido — Moderado — Muito rápido

Concerto inserido no Festival Antena 2.

Transmitido em direto pela Antena 2 e gravado para futura transmissão pela RTP Palco.

Nelson Jesus

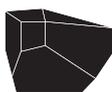
AZAMBUJA, 1986

*Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vindimar.
Vindimaram-me as costelas,
Olha o que lá fui ganhar!*

Todos os dias sinto em mim saudades do Porto, da região Norte, e esta peça é um reflexo desses meus sentimentos. Desde que comecei a compor, tinha como objectivo escrever uma peça em cada uma das formas mais tradicionais das bandas filarmónicas portuguesas. Apenas me faltava a rapsódia, uma forma musical tão depreciada nos dias de hoje e todavia já utilizada com grande sucesso tanto junto do público, como em favor da música. Eis alguns exemplos: Liszt (*Rapsódias Húngaras*), Ravel (*Rapsódia Espanhola*), Enesco (*Rapsódia Romena*), Gershwin (*Rhapsody in Blue*) e muitas mais de entre Brahms, Debussy, Rachmaninoff, Chabrier, Vaughan Williams. Daí custar-me que as rapsódias portuguesas, tais como as de Frederico de Freitas, Victor Hussla, Fortunato de Sousa e Joaquim Luís Gomes, fiquem escondidas sob um manto de vergonha e de algum snobismo por parte dos agentes musicais deste século, somente porque cheiram a povo. A rapsódia ajudou os compositores do Romantismo a quebrarem a rigidez da forma sonata e o nome está ainda associado, na literatura, aos episódios de poemas homéricos que também cantavam os feitos do povo.

Construída como se fosse uma suite (rapsódica), ao estilo dos grandes compositores de música para banda do início do séc. XX (também eles nacionalistas e orgulhosos da sua música popular), tem nove partes constituintes que se interligam numa forma livre, próxima ao improvisado, justapondo os temas populares com os originais — dos sabores folclóricos aos mais abstractos —, as variações e os solos instrumentais.

A música tenta ainda, se bem que de forma não contínua, retratar programaticamente, como um poema sinfónico, algumas situações, citações e lugares do Porto.



casa da música



APOIO



APOIO À DIVULGAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA



1. “Fado Menor do Porto”: é um tema original que funciona como *leitmotiv* articulador de discurso musical. Ao lamento do corne inglês podem juntar-se os primeiros versos do *Mar Português* de Fernando Pessoa.

2. “Moda do Entrudo”: tema da cantadeira e do seu adufe. Douro, gentes de folia.

3. “Valsa Antiga”: dança das rabecas e guitarra, para os bailes das adiafas.

4. “Cava Vinha Malhão”: a enxada apenas cai na terra à ordem do “mandador”. Douro, gentes de trabalho.

5. “Palácio de Cristal”: parte central e mais pessoal da obra. Tendo vivido perto destes jardins, por lá corri, por lá toquei, compus, escrevi... Toda a música tende a reflectir a imagem dos tempos de glória do antigo Palácio de Cristal. O solo de fliscorne é a ligação ao passado, pois todas as antigas rapsódias de banda tinham o seu canto vibrante e muitas delas tocaram-se naquele e noutros jardins da cidade. O grande órgão do palácio, jóia musical perdida e destruída, é também lembrado, juntamente com a marcha dos populares que, revoltados, tentaram impedir a sua destruição. Infelizmente não conseguiram.

6. “Clérigos”: símbolo maior da cidade do Porto. A música foi composta numa base criptográfica utilizando as datas de início e fim da sua construção, e os números de degraus e andares da mesma. Douro, gentes de fé.

7. “Vinho do Porto”: chula de paus (ou ramaladeira) executada a bordo dos rabelos do Douro.

8. “Fado Menor (reprise)”

9. “Finale”: é uma festa, bibó São João!

NELSON JESUS*

Telmo Marques

PORTO, 1963

O concerto *Conradança* é todo ele elaborado tendo como único motivo temático uma contradança de raiz popular da Beira Litoral. Com a manipulação deste mesmo motivo a obra sofre transformações no seu desenvolvimento com implicações no ritmo, no perfil melódico, na estrutura harmónica e no carácter.

Como é de esperar neste género musical (concerto), distinguuiu-se a prestação técnica com alguma dose de virtuosismo do clarinete solista, bem como o envolvimento orquestral da banda sinfónica nas situações de maior discussão entre ambos.

Apesar de três momentos diferenciados pelo seu carácter (rápido — lento — rápido), o concerto desenvolve-se num único gesto sem interrupção.

TELMO MARQUES*

Jorge Salgueiro

PALMELA, 1959

Obra composta sob encomenda da Banda Sinfónica Portuguesa, em novembro de 2017, para duplo coro de jovens, banda sinfónica e eletrónica fixa, *What's Up? What's Down?* confronta o real com o virtual, simbolizado pelo sonho e pelo meios que nos permitem sonhar acordados: a arte, a tecnologia, a imaginação. Não são os instrumentos musicais animais estranhos? Que formas estranhas e estranhos sons emitem! E as nossas vozes? Cantar é apenas um dos seus recursos. Rir é a melodia mais feliz que podemos escrever. O que é que se passa aqui? A partitura é uma caverna habitada por sons. Que sons são estes que habitam o topo da partitura? E a cave? “Um grupo de jovens entra num mundo estranho, encontram seres que emitem sons diferentes e têm cores e formas estranhas. Vão fazendo descobertas, reconhecem alguns desses seres alienígenas. Entretanto toca o despertador.”

JORGE SALGUEIRO

David Maslanka

MASSACHUSETTS (EUA), 1943

Sinfonia n.º 8

A Sinfonia n.º 8 consiste em três andamentos distintos, mas a estrutura musical sugere uma única vista panorâmica de grande escala.

Comecei o processo de composição para esta sinfonia com meditação e foram-me mostradas cenas de devastação generalizada. Mas esta música não é acerca da superfície dos problemas do nosso mundo. É uma resposta a um fluxo criativo vital mais profundo que está forçosamente em funcionamento e que nos levará através da nossa era de crise. É uma celebração da vida. É acerca de uma nova vida, a continuidade do passado para o futuro, grande esperança, grande fé, alegria, visão extática e determinação feroz.

O velho está continuamente presente no novo. O primeiro andamento toca o “Gloria” da minha *Missa*: “Glória a Deus nas alturas”, o que quer que isso possa significar para vós — o poder do universo manifestado para nós e através de nós.

O segundo andamento é uma grande fantasia sobre a antiga melodia coral luterana *Jesu, meine Freude* (*Jesus, minha alegria*). A vida de Cristo é uma poderosa imagem do que é altamente criativo: desejar ser destruído para receber o novo; entregar-se inteiramente para que uma nova ideia possa nascer. A antiga forma do prelúdio coral para órgão está subjacente neste andamento — nova linguagem a partir da antiga.

O terceiro andamento é uma música de louvor e gratidão por tudo o que existe. Nele encontra-se o fim da popular melodia do antigo hino *All Creatures of Our God and King* (a parte com a escala maior descendente em que todos os sinos tocam). Usei esta melodia para um conjunto de variações numa peça chamada *Unending Stream of Life* — que poderia ser também um subtítulo apropriado para esta nova sinfonia.

DAVID MASLANKA

Tradução: Isabel Correia de Castro

* Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

Francisco Ferreira direção musical

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos conservatórios do Porto e de Limoges (França) e pela Escola Superior de Música de Lisboa com as mais altas classificações. Lecionou em várias escolas, com particular destaque para o Conservatório de Música do Porto, Academia de Música de Costa Cabral e Escola Profissional de Música de Espinho, onde teve o mérito de desenvolver uma importante classe de saxofone em Portugal, com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais.

Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Pascual Vilaplana, concluindo em 2007 o mestrado em Direção de Orquestra no Conservatório Real dos Países Baixos em Maastricht, com distinção. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Camões, premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso “Ouvir e Falar” da responsabilidade do maestro António Victorino d’Almeida, emitido pela RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, Ásia e Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, Orquestra Clássica do Porto, Orquestra Clássica da Madeira, Banda Sinfónica Portuguesa, Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, Banda de Curitiba (Brasil) e Banda Municipal da Corunha (Espanha), e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones.

É frequentemente convidado a ministrar masterclasses e integrar júris de prestigiados concursos nacionais e internacionais de saxofone e de bandas.

Como maestro, dirigiu numerosas formações de sopro e percussão, nomeadamente as bandas sinfónicas da Guarda Nacional Republicana (Lisboa), da Covilhã e do Conservatório de Música do Porto, orquestras de sopros da ESML e das escolas profissionais de Espinho, Beira Interior e ARTEAM, Orquestra de Sopros do Algarve, Filarmonia de Vermoim (Maia), Orquestra da União Europeia, Rundfunk-Blasorchester Leipzig (Alemanha), Banda Sinfónica de Tatuí (São Paulo, Brasil), Orquestra de Sopros de Grã-Canária, bandas municipais de Santa Cruz de Tenerife, de Vitória — Gasteiz e de Pontevedra (Espanha), e Orquestra do Norte.

Dirigiu ainda várias bandas filarmónicas, destacando-se o trabalho desenvolvido nas de Cinfães, Trofa e Golães de Fafe. Foi vencedor do 1.º prémio do II Concurso Internacional de La Sénia (Espanha) e World Music Contest em Kerkrade (Holanda) na categoria superior, este com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e diretor artístico da Banda Sinfónica Portuguesa.

É ainda diretor pedagógico da Academia de Música de Costa Cabral — Porto. Paralelamente à sua carreira artística, licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa. É artista Yamaha.

Nuno Pinto clarinete

Artista das marcas Buffet Crampon e Vandoren, Nuno Pinto é descrito pela imprensa como um “clarinetista de génio” (Daniel Bailoni), “brilhante” (Nicholas Cox) e “ao nível dos grandes virtuosos internacionais do instrumento” (Bernardo Mariano).

Estudou clarinete com Saul Silva, António Saiote, Michel Arrignon e Alain Damiens, em Portugal e França, e tem dedicado uma grande parte do seu trabalho à música de câmara e à música contemporânea, sendo membro fundador dos grupos de câmara Camerata Senza Misura, Trivm de Palhetas e Clarinetes Ad Libitum. Tocou também com alguns dos melhores músicos da atualidade. Foi membro da Orquestra Utopica e do Grupo Música Nova e integra o SOND’Ar-te Electric Ensemble desde a sua fundação.

Enquanto solista ou integrado em grupos de câmara e ensembles, Nuno Pinto tem feito um trabalho notável na divulgação da música contemporânea, sendo dedicatário de várias obras de compositores portugueses com quem trabalha regularmente. Ao longo da sua intensa carreira, estreou mais de 170 obras (de compositores portugueses e estrangeiros) e gravou 140 obras (mais de 50 ao vivo) em 25 edições discográficas. O seu disco *Tempo de Outono* (Artway Records, 2016), com a pianista Elsa Silva, reúne obras de compositores portugueses para clarinete e piano. Destacado pela crítica nacional e internacional, foi disco do ano pelo jornal *Público*: “Disco que se destaca pela qualidade da interpretação destes dois experientes intérpretes, sendo também digno de realce o facto de se tratar da primeira edição fonográfica das seis peças que o integram” (Pedro M. Santos, Top 10 Discos — O melhor de 2016).

Nuno Pinto é um dos mais destacados solistas portugueses com grande relevância internacional, tendo colaborado com várias orquestras e participado em festivais internacionais de música na Europa, América e Ásia. É professor de clarinete e de música de câmara na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (Porto).

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação em 2005, no Rivoli — Teatro Municipal do Porto. Ao longo dos anos, tem vindo a apresentar-se nos palcos mais importantes do nosso país, colaborando regularmente com a Fundação Casa da Música (onde é agrupamento associado), Ágora, Coliseu do Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, Fundação de Serralves e vários municípios. Destaca-se a realização de concertos na vizinha Espanha — no Teatro Monumental de Madrid (RTVE) e nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria e Llaganés, além de participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces.

O seu repertório para formação sinfónica estende-se dos arranjos mais clássicos às obras originais e a muitas estreias de compositores contemporâneos como Luís Tinoco, Sérgio Azevedo, Carlos Azevedo, Luís Carvalho, António Victorino d’Almeida, Fernando Lapa, Daniel Moreira, Jorge Salgueiro, Pedro Lima, entre muitos outros. De realçar ainda o trabalho camerístico de vários dos seus grupos e ensembles.

Em abril de 2010, lançou o seu álbum *A Portuguesa* com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico* com Quinta do Bill (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Música Ibero-Americana* (2019).

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, entre os quais Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Sílvia Sequeira, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Alberola, Vincent David, Adriana Ferreira, Horácio Ferreira, Carlos Ferreira, Arno Pipers, Vítor Fernandes, Pierre Dutôt, Rubén Simeó, Raúl da Costa, Vasco Dantas, e vários músicos da própria orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de coros e de grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage e European Tuba Trio.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Douglas Bostock, Baldur Brönnimann, Alex Schillings, Eugene Corporon, François Boulanger, Martin André e Ivan Meylemans, entre outros, dirigiram a BSP com enorme sucesso, tendo considerado este projeto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Aliás, a BSP tem vindo a receber até ao momento as melhores críticas, não só do público em geral, como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Pedro Neves, Jan Wierzba, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, Diogo Costa e Paulo Martins são alguns dos maestros portugueses que dirigiram também esta orquestra.

A componente de formação pedagógica tem levado a BSP a realizar várias ações com jovens instrumentistas, das quais se destacam os festivais BSP Júnior, bem como dezenas de cursos de direção e aperfeiçoamento artístico com diversas bandas filarmónicas.

A BSP obteve o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (1.ª secção, Catalunha, 2008) e o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do World Music Contest em Kerkrade (Países Baixos, 2011) — com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso, considerado o “campeonato do mundo de bandas”. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, participou no 18.º Festival do World Music Contest (Kerkrade) e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Utrecht). Em 2019, realizou uma digressão às Canárias (Tenerife e Grã-Canária).

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos, com estatuto de utilidade pública atribuído pela Presidência de Conselho de Ministros, e financiada pela República Portuguesa — Cultura/Direção-Geral das Artes. A direção artística está a cargo do maestro Francisco Ferreira.

Flauta

Herlânder Sousa
Daniela Anjo
David Leão (piccolo)

Oboé

Telma Mota
Ana Maia (corne inglês)

Fagote

Bruna Carvalho
Beatriz Rios

Clarinete

Horácio Ferreira
Ana Rita Petiz
Sofia Rocha
Sara Costa
João Ramos
Luísa Marques
Rui Lopes
Alcina Azevedo
André Silva
Pedro Ramos
Bruno Silva
Hélder Tavares
Filipe Pereira (requinta)
Hugo Folgar (baixo)

Saxofone

José Pedro Gonçalves (soprano)
Rita Pereira (alto)
Pedro Pereira (alto)
Isabel Anjo (tenor)
Jorge Sousa (tenor)
Marcelo Marques (barítono)
Rui Cunha (baixo)

Trompa

Nélson Silva
Samuel Ferreira
Rui Pires
Nuno Silva
Hélder Vales

Trompete

Carlos Martinho
Sérgio Pereira
Bruno Rodrigues
Tiago Peixoto
Lara Lopes
Pedro Salgado

Trombone

Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Diogo Andrade
Tomé Correia (baixo)

Eufónio

Luís Gomes
Inês Luzio

Tuba

Jorge Fernandes
Fábio Rodrigues

Percussão

Sandro Andrade (tímpanos)
Jorge Lima
Pedro Góis
Luís Santiago
Paulo Mota
Daniel Araújo

Contrabaixo

Cláudia Carneiro

Piano

Raquel Cunha

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

José Torres
Victor Resende

Som

Carlos Lopes

Equipa Técnica BSP

Montagem e Produção

Dino Gabriel
Carlos Rodrigues

Secretariado

Mariana Aguiar

Comunicação

Luís Oliveira

Imagem

Pedro Jobling